

# UNI-VOS PELA PAZ

\$50

COMISSÃO NACIONAL DA PAZ

Agosto/1955

## EDITORIAL

### HELSÍNQUIA E GENEBRA

A Assembleia Mundial de Helsínquia marcou um grande passo no alargamento do movimento mundial da Paz. Novas camadas, movimentos e personalidades deram-lhe o seu apoio, manifestando dessa maneira a sua convicção de que é pela acção conjugada das massas do mundo inteiro que se desanuviará a tensão internacional, se porão fora da lei as armas atómicas e se inaugurará a coexistência pacífica de todas as potências. Entre outras personalidades que manifestaram o seu apoio à conferência convém destacar o chefe radical francês Eduardo Herriot, o filósofo e matemático Bertrand Russell, e a Rainha Elisabetha da Bélgica.

Nessa grande assembleia o nome de Portugal fez-se sentir publicamente pela primeira vez. Nela participou uma delegação portuguesa de 6 membros constituída principalmente por escritores e artistas; e foi lida uma mensagem de individualidades portuguesas altamente prestigiosas e representativas. A realização da assembleia mundial de Helsínquia marca portanto também um grande passo no alargamento do movimento da Paz em Portugal.

A importância desta assembleia não resulta apenas dos seus debates e conclusões, mas também dos seus preparativos que levaram a uma grande mobilização mundial das forças pacíficas. As centenas de milhões de assinaturas recolhidas contra a bomba atómica e apresentadas na assembleia são já um resultado dessa campanha preparatória.

A Conferência de Genebra entre as 4 grandes potências, realizada poucos dias depois da assembleia de Helsínquia é também o resultado da grande mobilização mundial das forças pacíficas, das mesmas forças que se fizeram representar em Helsínquia e de outras ainda.

A Conferência de Genebra foi possível porque a opinião pública mundial tomou consciência do suicídio que representaria para a humanidade o desencadeamento da guerra atómica, e porque os povos mostraram em toda a parte a sua decisão de lutar pela Paz. E os chefes de governo foram empurrados pelos povos do mundo inteiro que em Helsínquia fizeram ouvir a sua voz.

Mas a tarefa dos partidários da Paz de todo o mundo não terminou com a conferência de Genebra. Há problemas difíceis a resolver antes de se chegar a um acordo. Permanece a divisão da Alemanha, que continua a rearmar-se; mantem-se a tensão no Extremo Oriente, e a China continua excluída do seu lugar nas Nações Unidas; e as armas atómicas não foram ainda postas fora da lei. E há forças belicistas que se esforçam por sabotar o espírito pacífico que os chefes de governo manifestaram em Genebra.

Cabe hoje aos partidários da Paz de todo o mundo defender as conquistas de Genebra, e levar os chefes de governo a um acordo definitivo. Cabe aos partidários da Paz de todo o mundo reclamar um pacto de segurança europeia, o acordo no Extremo Oriente, a universalidade das Nações Unidas, e que as armas atómicas sejam postas fora da lei.

A assembleia de Helsínquia e a conferência de Genebra mostraram a força dos partidários da Paz, mas trazem-lhes também novas responsabilidades. Vigilância e iniciativa são duas regras que se lhes impões: vigilância contra os sabotadores da Paz que não desarmaram; iniciativa para continuar a ofensiva da Paz até à vitória final.

-- -0- --

655.963.811 ASSINATURAS JÁ RECOLHIDAS PARA O APELO CONTRA AS ARMAS ATÓMICAS

Comunicação do Secretariado do Conselho Mundial da Paz em 16 de Agosto de 1955

Para darmos aos nossos leitores uma ideia mais real de como decorreu a Assembleia Mundial da Paz em Helsínquia, decidimos entrevistar alguns dos delegados portugueses. Transcrevemos a seguir o que nos contaram:

- Qual o numero de participantes na Assembleia?

- Devo dizer que o numero de participantes ultrapassou em muito o que se esperava. Na verdade houve dificuldades, por exemplo, com o alojamento, resolvido gentil e rapidamente por numerosas familias finlandesas que receberam muitos participantes em suas casas.

O numero de países lá representados somava 68. Havia 1.640 delegados, 109 observadores e 92 convidados num total de 1.841 participantes.

Se pensarmos um pouco nas dificuldades e despesas de deslocação, no tempo gasto por muitas delegações a chegar a Helsínquia, no esforço realizado por numerosos países para mandarem os seus representantes, faremos uma ideia aproximada do amor pela Paz que existe pelo mundo inteiro.

- Como foi realizado o trabalho de direcção da Assembleia?

- Foi precisamente este um dos aspectos novos desta grande reunião de Paz. Logo na sessão plenária de abertura o Secretário do Conselho Mundial da Paz, Jean Laffitte, declarou que tendo sido a Assembleia o resultado de um apelo feito pelo Conselho Mundial da Paz em Novembro de 1954 na sua reunião de Estocolmo, o Conselho Mundial entendia dever não dirigir a Assembleia. E foi através de uma presidência constituída logo na primeira sessão com pessoas eleitas por todas as delegações e tendo representantes de todos os países, e de todas as forças pacíficas que se tinham deslocado até Helsínquia, que a Assembleia teve a sua direcção. Periodicamente esta presidência reunia-se e dava em seguida contas nas sessões plenárias dos seus trabalhos.

- O que caracterizava a composição das outras delegações?

- O que caracterizava sobretudo era a sua heterogeneidade e o seu caracter ampla e verdadeiramente representativo; encontramos nelas representantes de todas as profissões e credos, de todas as ideias e raças. Em delegações numerosíssimas, como a francesa, a japonesa, a italiana, por exemplo, a maior parte dos membros não se conheciam sequer, e tinham aparecido em Helsínquia conduzidos e unidos apenas pelo seu grande desejo de Paz. Lembro-me de que na delegação brasileira, por exemplo, havia vários participantes de partidos políticos diversos, alguns deles deputados às Camaras dos Estados; havia ainda na delegação brasileira numerosos juizes e alguns deles de tribunais superiores entre os quais me lembra a figura prestigiosa do Dr. Ignacio de Sousa Moitta, Desembargador do Tribunal de Justiça do Pará; que na delegação inglesa, a par de trabalhistas, havia conservadores. E sobretudo parece-me que a característica mais importante da composição das delegações estrangeiras foi o elevado numero de personalidades religiosas presente na Assembleia; só eclesiásticos de diversas religiões havia 72. Destaco o facto de haver numerosas personalidades católicas de relevo, entre as quais alguns sacerdotes; destes lembro o Padre Ignazio Farias, antigo capelão da Marinha de guerra argentina que por Portugal mostrou o maior interesse e o Padre Pascual de Jesus Maria Robles, do México. Quer acrescentar que nos impressionou bastante o Arcebispo Czapic a discursar vestido com o seu manto de púrpura, começando precisamente por afirmar a sua fidelidade ao Papa e à Igreja Católica.

- E em que qualidade figuravam essas personalidades na Assembleia Mundial da Paz?

- Exactamente na mesma qualidade dos outros participantes. Havia evidentemente, algumas delas - na sua maior parte sacerdotes - delegados dos movimentos da Paz de cada país, outras que tinham sido convidadas pelo Conselho Mundial da Paz e outras ainda como observadores. Nestas ultimas gostaria de dar um relevo especial à figura do Reverendo Candy, do Canadá, homem extraordinariamente lúcido que confessou ter ido a Helsínquia com um fundo de cepticismo provocado por certa propaganda confusionista, mas que ao findar da Assembleia se deu por inteiramente convencido da grandesa e sinceridade do desejo de Paz dos povos do Mundo. Quero destacar que foi precisamente o Reverendo Candy quem fez o primeiro discurso, isto apesar de ser observador.

Como ele dois jovens directores dum jornal juvenil católico italiano que com real desejo de esclarecimento fizeram parte dos trabalhos da Assembleia e tomaram contactos com outras delegações, manifestaram-se inteiramente conquistados para a causa duma Paz verdadeira e sem sofismas.

Notei também a presença, na Assembleia, de Franco Netto, dirigente da Juventude Universitária Católica do Brasil.

Quero voltar a sublinhar que a comparencia de tantos sacerdotes das mais diversas religiões - desde budistas até ao arcebispo católico de Eger, Gyula Czapic e ao Metropolita Nicolai da União Sovietica - deu uma nítida predominante de tolerância, de coexistência amigável, compreensão e respeito.

- Esse ambiente de cordialidade existia entre todas as delegações?

- Sem excepção. E receio bem que seja impossível dar uma ideia do que seja uma reu-

# ASSEMBLEIA de HELSINKUA

## ALGUMAS CONCLUSÕES

Os delegados à Assembléia de Helsínquia, organizados em várias comissões que tinham como objectivo tratar problemas particulares, discutiram diferentes pontos de vista e algumas vezes até pontos de vista divergentes. Mas essas divergências não impediram que se alcançasse, no fim dos trabalhos, o acôrdo acerca dos pontos mais importantes. Das conclusões a que algumas das comissões chegaram, destacaremos aquelas que mais directamente nos interessam.

A Comissão sobre os Blocos Militares e a Segurança, ao tratar do problema da Segurança Europeia e o problema alemão considerou, depois de aludir ao agravamento da divisão da Europa em blocos militares, após os acordos de Londres e Paris que:

—é necessário um acordo entre todos os Estados da Europa, qualquer que seja o seu regime, com o objectivo de estruturar a segurança e organizar a cooperação económica e cultural. Os Estados Unidos da América que estão associados aos Estados da Europa Ocidental, devem ser chamados a participar neste sistema de segurança colectiva;

—a reunificação da Alemanha está ligada a esta nova concepção de segurança europeia. Ela poder-se-á realizar se as condições forem de tal ordem que exclua qualquer possibilidade de renascimento militarismo alemão e da participação da Alemanha em qualquer coligação militar;

—todas as nações europeias, pequenas ou grandes, devem participar em completa independência e igualdade, na edificação desta politica que deverá ser obra duma Conferência Geral dos Estados da Europa;

Esta Comissão pede ainda à Conferência dos Quatro que lance as bases de tal cunstrução europeia e pede igualmente que;

—determine o limite e organize o controle das forças de policia e dos contingentes armados tanto na República Federal Alemã como na República Democrática Alemã;

—favoreça o restabelecimento das relações normais entre as duas Repúblicas Alemãs como primeira etape de reunificação da Alemanha;

—convoque a Conferência Geral dos Estados Europeus.

Ainda a mesma Comissão, quanto aos problemas asiáticos, depois duma discussão em que claramente se manifestou o quanto os povos da Asia e do Médio Oriente desejam o desanuviamento imediato da tensão a que estão sujeitos, concordou em que:

—os Cinco Princípios da Paz, proclamados pelos primeiros Ministros Nehru e Chou En-lai, confirmados pela Conferência de Nova-Deli, assim como os Dez Princípios adoptados na Conferência das Nações da Asia e da África, em Bandung, constituem uma excepcional contribuição para a causa da Paz e mostram o caminho da Paz e da Segurança na Asia e na Africa.

Abordando o problema de Goa a Comissão insistiu na retirada das tropas portuguesas e no estabelecimento imediato de negociações com o fim de obter uma solução pacifica do problema. Ao tratar dos povos colonializados a Comissão sobre a Soberania Nacional e a Paz reafirmou o direito dos povos disporem de si próprios e convidou todos os países interessados a abandonar a politica de violência para conseguirem, pela via da negociação, uma solução para todos os litígios.

Os escritores e artistas exprimiram também a sua profunda convicção de que a liberdade de pensamento e de expressão, a completa circulação de ideias e obras, nacional e internacionalmente, e ainda o mútuo respeito pelas culturas nacionais, são uma contribuição importante e necessário para o desanuviamento internacional e consolidação da Paz. Também os homens de ciência consideram que é do dever e da responsabilidade dos sábios,

Continua na Pág. 6

- não de cerca de 2 mil pessoas em que se sente que cada um dos presentes é nosso amigo, um amigo franco e leal que embora doutra raça e doutras convicções é nosso irmão porque é Homem e quer continuar a sê-lo em Paz. O contacto é imediato, não pode haver qualquer especie de cerimonia; as mãos dão-se e voltam a encontrar-se gestos comuns de amizade que dispensam todas as formalidades.

- Onde se realizou a Assembleia?

- No "Messuhalli", grande palacio de exposições e espectaculos que faz parte do conjunto do Estadio de Helsinquia. É um grande edificio moderno, envidraçado; na sala maior tinham lugar as sessões plenarias. Para os trabalhos das comissões e sub-comissões utilizamos a sala menor desse edificio (ainda assim maior do que qualquer dos nossos cinemas de bairro) e algumas aulas e anfiteatros da Cidade Universitaria. O Governo Finlandês pu sera tudo o necessário à disposição da Assembleia e dera todas as facilidades para a sua realização; na sessão de abertura, sentou-se na mesa da Presidencia o Ministro das Questões Sociais do Governo Finlandês - a Senhora Tyne Leivo-Larson. Na sessão de abertura dirigiu uma saudação à Assembleia o Sr. Vaino Meltti, Governador da provincia de Uusimaa, onde está situada Helsinquia.

- Que reacção provocou o aparecimento duma delegação portuguesa?

- Confesso que não esperávamos uma reacção de tão profundo interesse e cordialidade; no meio de 2 mil pessoas, era inevitável sentirmo-nos pequenos e sem importancia. E assim, quando nos sentimos alvo da atenção dos delegados que nos viam, dos que nos procuravam para nos abraçar, de todas as mais espontâneas provas de interesse e carinho, ficamos muito sinceramente comovidos. Há incontestavelmente no estrangeiro um grande interesse pelos problemas portugueses em relação à Paz.

- Além das relações com as outras delegações que aspectos concretos teve a vossa presença em Helsinquia?

- Em primeiro lugar a delegação portuguesa, organizou uma exposição na sala B na qual se reunia a Comissão das Relações Culturais. Nessa exposição figuravam livros e desenhos de autores modernos portugueses e fotografias de temas nacionais. Foi incontestavelmente um êxito, porque nenhuma outra delegação apresentou uma exposição tão completa e numerosa, com mais duma centena de livros (de cerca de 50 autores) e cinco grandes paineis de elementos gráficos; despertou um interesse muito grande e foi um factor importante de aproximação. Também tinhamos impresso uma "plaquette" com três poemas portugueses sobre a Paz e a respectiva tradução em francês, que distribuimos pelos outros participantes. Finalmente, a intervenção portuguesa, que foi lida em sessão plenaria e, tal como as outras intervenções, traduzida em todas as linguas oficiais da Reunião - francês, inglês, alemão, chinês, russo e espanhol. Antes dela fez-se a leitura da saudação que um grupo de intelectuais portugueses enviara à Assembleia. Uma e outra foram calorosa e vibrantemente aplaudidas, e muitos delegados vieram abraçar o representante português entre eles um professor persa, um tradutor e o escritor brasileiro J. Amado, assim como toda a delegação Brasileira.

- Voltando à exposição: os delegados estrangeiros conheciam alguns dos autores portugueses cujos livros se expuseram? E não foram oferecidos livros?

- Sem duvida. No fim da Assembleia oferecemos livros a varias personalidades e a Bibliotecas de alguns países; aliás, é verdade que nomes como o de Ferreira de Castro, Alves Redol e Pereira Gomes, por exemplo, são muito conhecidos, e que muitos participantes nos vinham pedir expressamente este ou aquele dos seus livros ou de outros autores, mostrando grande curiosidade e entusiasmo pela literatura do nosso país. Contamos que brevemente apareçam traduções de diversos livros portugueses.

- Além dos livros fizeram outras ofertas?

- Levávamos objectos populares e outras recordações de Portugal, que oferecemos a muitos amigos. Pequenos barros, bonecos regionais, lenços, tudo nos ajudou a apresentá-los. E, mesmo pondo de parte todos os outros factores importantes do trabalho realizado, do que se aprendeu e adquiriu, o que é inegavel é que os portugueses deixaram entre as outras delegações à Assembleia Mundial da Paz um largo e cordial "rasto" de amizades, de permutas culturais e simplesmente humanas, de simpatia mútua, que são a carne e o sangue duma Paz verdadeira entre todos os povos.

#### MARCHA PARA A UTILIZAÇÃO PACIFICA DA ENERGIA ATOMICA

##### ACConferência do Átomo para a Paz

A conferência das Nações Unidas sobre a utilização pacifica da energia atômica foi um acontecimento de uma importância considerável não sómente para a ciência mas também para a Paz. Cerca de 2 mil homens de ciência e mais de 800 jornalistas, vindo de 72 países assistiram à conferência; e milhares de pessoas visitaram as duas exposições organizadas em Genebra sobre o tema "O átomo para a Paz".

Na impossibilidade de transcrevarmos integralmente a intervenção da delegação portuguesa lida na Assembleia Mundial da Paz, transcrevemos as afirmações de maior importância e procuraremos, também, dar aos nossos leitores uma ideia do total da intervenção.

"Queridos amigos - Este momento esperamos-lo com o coração transbordante. Quando o Movimento da Paz há seis anos se formou e começou conquistando em todo o mundo a adesão entusiástica de milhões de homens e de mulheres; quando os povos de inumeráveis países, mal refeitos ainda dos horrores de uma guerra abominável, tomaram plena consciência de que só unidos podiam enfrentar a perspectiva duma catástrofe ainda maior, também nós portugueses compreendemos que qualquer coisa mudara na História".

"Quando os problemas da guerra e da Paz deixaram de ser uma questão de Chancelarias para depender, em escala crescente, da vontade das massas que seriam as primeiras sacrificadas na grande hecatombe, também nós, portugueses, soubemos que a nossa voz podia unir-se ao coro universal que em tão poucos anos conseguiu influir já decisivamente nos acontecimentos e evitar, por mais de uma vez, que se ateasse o incendio."

"Também nós, portugueses, sentimos que mais uma vez era nosso dever estar presentes, no momento em que os povos do Mundo inteiro se iam encontrar de novo em Helsínquia, para considerar os problemas urgentes da Paz e abrir de novo o debate franco, largo e generoso que permite reforçar os laços que unem os povos e acima de tudo estabelecer as tarefas que tornarão possível a conquista de uma Paz autentica e criadora."

A seguir o delegado português fez referência aos obstáculos que foi necessário vencer para que uma delegação portuguesa estivesse presente na Assembleia, referindo-se depois aos nomes de Maria Lamas, Prof. Rui Luis Gomes e Prof. Manuel Valadares como indistritavelmente ligados à causa da Paz em Portugal. E continuou:

"A verdade é que, nas suas lutas, o povo português tem-se encaminhado, cada vez mais, no sentido da defesa da Paz. As numerosas dificuldades criadas à sua acção, longe de a diminuir, têm-na tornado cada vez mais aberta, cada vez mais larga. A unidade com as massas populares, não tem sido apenas um processo de as interessar, mas também a melhor defesa e protecção para os mais activos defensores da Paz."

"São disso prova flagrante as publicações ciclostiladas, as tarjetas, as inscrições nos muros e estradas, os milhares de assinaturas recolhidas, as grandiosas manifestações populares, a resistência aos Exercícios de Defesa Civil do Território, a firmeza e a honestidade revelada perante a Polícia pelos partidários da Paz presos. E isto apesar da violenta repressão. A simples palavra Paz escrita nas paredes é sistematicamente eliminada pelos agentes da autoridade. A recolha de assinaturas a favor da Paz tem levado muitas pessoas à prisão e aos Tribunais. Um jovem esteve seis meses encarcerado, por no dia 9 de Abril de 1954, depor na estátua do Soldado Desconhecido um ramo de flores onde se lia "Pela Paz".

Mais adiante o nosso delegado acentuou:

"Portugal, pela posição geográfica que ocupa, pelas ilhas que possui no Atlantico, pelas colónias da África e da Ásia e pela sua riqueza em jazigos de uranio, é um país particularmente vulneravel numa conflagração mundial".

"Assim é com angústia crescente que as pessoas honestas da nossa Terra, veem o estabelecimento de bases militares, depósitos de armamento e o aumento das despesas militares. Basta pensar que o povo português tem um dos mais baixos niveis de vida na Europa, para se compreender os sacrificios implicitos em tudo isso."

"E por esses mesmos motivos que os portugueses dão a sua adesão à politica de coexistencia pacifica entre todos os Estados, à não ingerencia nos problemas interiores de cada país, ao intercambio cultural, à resolução dos conflitos internacionais pela negociação franca e aberta entre os governos interessados e, finalmente a toda a politica conducente a um desanuviamento internacional."

Continuando a referir-se à ameaça que da preparação da guerra atómica resulta para Portugal, afirmou, "Que o povo português compreendeu que sendo Portugal um pequeno País com uns escassos 89.000 quilómetros quadrados, bastariam pouquíssimas bombas de hidrogénio, para ser aniquilado tudo aquilo que os portugueses amam profundamente". Salientou a seguir a necessidade de relações amigaveis entre todos os povos, e o amor do povo português aos povos de todo o mundo, e terminou:

"Queridos amigos: Queremos contar-vos um exemplo simbólico da nossa luta, ao mesmo tempo simples e tocante. Um dos milhares de camponeses analfabetos do Ribatejo quiz aprender a escrever, para poder exprimir em toda a parte o seu anseio e a sua esperança, que são os que aqui nos reunem. E não encontrando melhores palavras para terminar do que as primeiras que ele aprendeu, essas palavras que, de noite, escreve orgulhosamente nas paredes da sua aldeia, cheio dessa esperança irredutível:

"Pela primeira vez, desde há dez anos no mundo dividido, e graças aos esforços da opinião pública, os Chefes das quatro grandes potências vão encontrar-se. Eles levam consigo o peso de uma esperança universal. O seu primeiro dever será vencer a sua desconfiança recíproca.

A Assembleia Mundial da Paz, que reuniu os representantes vindos de 68 países trouxe a certeza de que, apesar de profundas divergências, apesar da diversidade das opiniões, é possível chegar a acordo sobre pontos importantes, e que a negociação pode resolver, já hoje, numerosos problemas.

É a opinião mundial que se levanta agora contra a política de força, a corrida aos armamentos e contra o perigo aterrorizante da guerra atômica. Os acordos de Genebra, o fim da guerra da Indochina, a conferência de Bandung, a neutralidade da Austria, consagrada por um tratado, a declaração de Belgrado, são outros tantos pontos saídos deste despertar da opinião, que se exprimiu na atitude dos governos.

No problema do desarmamento e das armas atômicas, até agora congelado por uma oposição irredutível, os pontos de vista aproximaram-se a tal ponto que o acordo não é já senão uma questão de boa vontade.

No problema da segurança os princípios adoptados pela conferência de Bandung provaram que num continente inteiro a colaboração pacífica entre países de regimes sociais diferentes pode alicerçar-se em noções tais como as que foram proclamadas pela China e pela Índia.

A Assembleia de Helsínquia demonstrou que, se tiver em conta a opinião pública, a Conferência dos Quatro deve marcar a primeira etapa duma construção europeia garantindo a segurança a todos os Estados da Europa e conduzindo-os ao caminho de uma estreita cooperação económica e cultural. Esta construção está ligada à reunificação, fora de qualquer coligação militar, de uma Alemanha salvaguardada contra a ressurreição do militarismo.

Neste mesmo espírito, a Conferência dos Quatro deve preparar, pela negociação a evacuação pelas tropas estrangeiras da ilha chinesa de Taiwan (Formosa). Deve velar pela estrita aplicação dos acordos sobre a Indochina, concluídos em Genebra. Deve permitir à organização das Nações Unidas entrar no caminho da universalidade acolhendo a República Popular Chinesa.

Mas existem ainda forças que se dão bem com a guerra fria e contrariam a aproximação dos Quatro Grandes. A Assembleia de Helsínquia faz um apelo à opinião de todas as nações do mundo para que se oponha a essas forças e para que apoie os negociadores da aproximação.

A obra da Paz pode enfim realizar-se se as forças pacíficas que se propõem idênticos objectivos - e nomeadamente os movimentos pela Paz, as grandes formações políticas de inspiração cristã ou de inspiração socialista - juntarem os seus esforços para dissipar a desconfiança e ganhar a Paz.

Passo a passo, as contradições no mundo podem ser resolvidas, e as esperanças dos povos tornarem-se realidades."

Continuação da Assembleia de Paz de Helsínquia

graças aos quais o homem conseguiu um domínio crescente das forças da natureza, opor-se a que estas forças sejam utilizadas contra a humanidade em vez de serem postas ao seu serviço.

Ao considerar os problemas da juventude, a Comissão da Educação e da Juventude recomendou que os jovens devem ser educados num espírito de tolerância, amizade e Paz. Toda a exaltação de violência e guerra, toda a forma de discriminação racial, política ou religiosa, deve ser banida das escolas.

Estas são algumas das conclusões a que chegaram os delegados de todo o mundo reunido em Helsínquia. Muito grande foi a sua contribuição para a causa da Paz. E agora tarefa dos povos de todo o mundo lutar consciente e denodadamente para seguir pelo caminho que eles nos indicaram. O prémio dessa difícil caminhada é compensador: será a Paz, a segurança, o bem estar para todos nós.

COMUNICAÇÃO DO SECRETARIADO DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ

O Secretariado do C.M.P. ao fazer a primeira contagem das assinaturas já recolhidas para o Apelo de Viena, contra as armas atômicas, verificou que a opinião pública responde cada vez mais entusiasticamente às campanhas lançadas pelo C.M.P.:

- Apelo de Estocolmo: 1.100.482 in 821.199 assinaturas
- Apelo para um pacto de Paz: 612.522.504 "
- Apelo de Viena (6/8/55): 655.963.811 "